

# Formação Mediúnica III

## DESDOBRAMENTO

### 1. LIVRO

Nos Domínios da Mediunidade – Cap. XI.

### 2. LOCAL

No Centro Espírita onde Raul Silva era o dirigente encarnado.

### 3. MÉDIUM

Antônio Castro, que foi apresentado por Áulus no Cap. III do livro em estudo, como possuidor das seguintes características:

“– Este é o nosso colaborador Antônio Castro, moço bem intencionado e senhor de valiosas possibilidades em nossas atividades de permuta. Sonâmbulo, no entanto, é de uma passividade que nos requer grande vigilância. Desdobra-se com facilidade, levando a efeito preciosas tarefas de cooperação conosco, mas ainda necessita de maiores estudos e mais amplas experiências para expressar-se com segurança, acerca das próprias observações. Por vezes, comporta-se, fora da matéria densa à maneira de uma criança, comprometendo-nos a ação. Quando empresta o veículo a entidades dementes ou sofredoras, reclama-nos cautela, porquanto quase deixa o corpo à mercê dos comunicantes, quando lhe compete o dever de ajudar-nos na contenção deles, a fim de que o nosso tentame de fraternidade não lhe traga prejuízo à organização física. Será porém, valioso auxiliar em nossos estudos”.

### 4. EXTERIORIZAÇÃO DE CASTRO

Passemos ao relato feito por André Luiz no cap. XI de Nos Domínios da Mediunidade:

“– Chegara a vez do médium Antônio Castro.

Profundamente concentrado, denotava a confiança com que se oferecia aos objetivos de serviço. Aproximou-se dele o irmão Clementino e, à maneira de magnetizador comum, impôs-lhe as mãos aplicando-lhe passes de longo circuito. Castro como que adormeceu devagarinho, inteiriçando-se-lhe os membros. Do tórax emanava com abundância um vapor esbranquiçado que, em se acumulando à feição de uma nuvem, depressa se transformou, à esquerda do corpo denso, numa duplicata do médium, em tamanho ligeiramente maior. Nosso amigo como que se revelava mais desenvolvido, apresentando todas as particularidades de sua forma física, apreciavelmente dilatadas. Desejei ensaiar algumas indagações, contudo, a dignidade do serviço impunha-me silêncio. O diretor espiritual da casa, submetia o mediano a delicada intervenção magnética que não seria lícito perturbar ou interromper. O médium, assim desligado do veículo carnal, afastou-se dois passos, deixando ver o cordão vaporoso que o prendia ao campo magnético.

Enquanto o equipamento fisiológico descansava, imóvel, Castro, tateante e assombrado, surgiu junto de nós, numa cópia estranha de si mesmo, porquanto, além de maior em sua configuração exterior, apresentava-se azulada à direita e alaranjada à esquerda. Tentou movimentar-se, contudo, parecia pesado e inquieto... Clementino renovou as operações magnéticas e Castro, desdobrado, recuou, como que se justapondo novamente ao corpo físico. Verifiquei, então, que desse contato resultou singular diferença. O corpo carnal engolira, instintivamente, certas faixas de forças que imprimiam manifesta irregularidade ao perispírito, absorvendo-as de maneira incompreensível para mim. Desde esse instante, o companheiro, fora do vaso de matéria densa, guardou o porte que lhe era característico. Era, agora, bem ele mesmo, sem qualquer deformidade, leve e ágil, embora prosseguisse encadeado ao envoltório físico pelo laço aeriforme, que parecia mais adelgado e luminoso, à medida que Castro-Espírito se movimentava em nosso meio. Enquanto Clementino o encorajava com palavras amigas, o nosso orientador, certamente assinalando-nos a curiosidade, deu-se pressa em esclarecer:

– Com o auxílio do supervisor, o médium foi convenientemente exteriorizado. A princípio, seu perispírito ou “corpo astral” estava revestido com os eflúvios vitais que asseguram o equilíbrio entre a alma e o corpo de carne, conhecidos aqueles, em seu conjunto, como sendo o “duplo etérico”, formado por emanções-neuro-psíquicas que pertencem ao campo fisiológico e que, por isso mesmo, não conseguem maior afastamento da organização terrestre, destinando-se à desintegração, tanto quanto ocorre com o corpo carnal, por ocasião da morte renovadora. Para melhor ajustar-se ao nosso ambiente, Castro devolveu essas energias ao corpo inerte, garantindo assim o calor indispensável à colméia celular e desembaraçando-se, tanto quanto possível, para entrar no serviço que o aguarda.”

## 5. EXTERIORIZAÇÃO DA SENSIBILIDADE

Acompanhemos agora a observação de Hilário Silva e a explicação de Áulus sobre questão delicada e que já foi objeto de estudo por dedicados pesquisadores e amplamente analisado no livro “Da Alma Humana” de Antônio J. Freire:

“– Ah! – disse Hilário, com expressão admirativa – aqui vemos, desse modo, a exteriorização da sensibilidade!”

“– Sim, respondeu Áulus, se algum pesquisador humano ferisse o espaço em que se situa a organização perispirítica do nosso amigo, registraria ele, de imediato a dor do golpe que se lhe desfechasse, queixando-se disso, através da língua física, porque, não obstante liberto do vaso somático, prossegue em comunhão com ele, por intermédio do laço fluídico de ligação.” Observei atentamente o médium projetado no nosso círculo de trabalho. Não envergava o costume azul e cinza de que se vestia no recinto, mas sim um roupão esbranquiçado e inteiriço que descia dos ombros até o solo, ocultando-lhe os pés, e dentro do qual se movia deslizante. Áulus registrou-me as anotações íntimas e esclareceu:

“– Nosso irmão, com a ajuda de Clementino, está usando as forças ectoplásmicas que lhe são próprias, acrescidas com os recursos de

cooperação do ambiente em que nos achamos. Semelhantes energias transudam de nossa alma, conforme a densidade específica de nossa própria organização, variando desde a sublime fluidez da irradiação luminescente até a substância pastosa com que se operam nas crisálidas os variados fenômenos da metamorfose.”

## 6. A VIAGEM

O médium mais à vontade fora do corpo denso, continua André Luiz, recebia as instruções de Clementino, paternal: Dois guardas aproximaram-se dele e lhe aplicaram à cabeça um capacete em forma de antolhos. “– Para a viagem que fará – avisou-nos o Assistente – Castro não deve dispersar a atenção. Incipiente ainda nesse gênero de tarefa, precisa instrumentação adequada para reduzir a própria capacidade de observação, de modo a interferir o menos possível na tarefa a executar.”

Vimos o rapaz plenamente desdobrado alçar-se ao espaço, de mãos dadas com ambos os vigilantes. O trio volitou em sentido oblíquo, sob nossa confiante expectativa. Desde esse momento, demonstrando manter segura comunhão com o veículo carnal, ouvimo-lo dizer através da boca física:

“– Seguimos por um trilho estreito e escuro!... Oh! Tenho medo, muito medo... Rodrigo e Sérgio amparam-me na excursão, mas sinto medo!... Tenho a idéia de que nos achamos em pleno nevoeiro...”

Estampando no rosto sinais de angústia e estranheza, continuava:

“– Que noite é esta?... A escuridão parece pesar sobre nós!... Ai de mim! Vejo formas desconhecidas agitando-se embaixo, sob nossos pés!... não suporto, vou voltar!... Não posso prosseguir!... Não suporto, não suporto!...”

Mas Raul, sob a inspiração do mentor da casa, elevou o padrão vibratório do conjunto, numa prece fervorosa em que rogava do Alto forças multiplicadas para o irmão em serviço.

“– A oração do grupo, acompanhando-o na excursão e transmitida a ele, de imediato, constituiu-lhe abençoado tônico espiritual.”

“– Ah! Sim, meus amigos – prosseguia Castro, qual se o corpo físico lhe fosse um aparelho radiofônico para comunicações a distância –, a prece de vocês atua sobre mim como se fosse um chuveiro de luz... Agradeço-lhes o benefício!... Estou reconfortado... Avançarei!” Interpondo os fatos sob nossa observação, o Assistente explicou:

“– Raros espíritos encarnados conseguem absoluto domínio de si próprio, em romagens de serviço edificante fora do corpo de matéria densa. Habitados à orientação pelo corpo físico, ante qualquer surpresa menos agradável, na esfera de fenômenos inabituais, procuram instintivamente o retorno ao vaso carnal, à maneira de molusco que se refugia na própria concha, diante de qualquer impressão em desacordo com os seus movimentos rotineiros. Castro, porém, será treinado para a prestação de valioso concurso aos enfermos de qualquer posição.”

## 7. O CONTATO COM OLIVEIRA

Continuemos com o relato de André Luiz:

“– Que alívio! – transmite Castro – Rompemos a barreira de trevas!... A atmosfera está embalsamada de leve aroma!... Brilham as estrelas novamente... Oh! É a cidade de luz... Torres fulgurantes elevam-se para o firmamento! Estamos penetrando um grande parque!... Oh! Meu Deus! Quem vejo aqui a sorrir-me... É o nosso Oliveira! Como está diferente! Mais moço, muito mais moço...”

Lágrimas copiosas banharam o rosto do médium, comovendo-nos a todos. No gesto de quem se entregava a um abraço carinhoso, de coração a coração, o mediano continuou:

“– Que felicidade! Que felicidade!... Oliveira, meu amigo, que saudades de você!... Por que razão teríamos ficado assim sem a sua cooperação? Sabemos que a vontade do Senhor deve prevalecer, mas a distância tem sido para nós um tormento!... A lembrança de seu carinho vive em nossa casa... Seu trabalho permanece entre nós como inesquecível exemplo de amor cristão!... Volte! Venha incentivar-nos na sementeira do bem!... Amado amigo, nós sabemos que a morte é própria vida, no entanto, sentimos sua falta!...

A voz do viajante, que se fazia ouvir de tão longe, entrecortava-se agora de doloridos soluços. O próprio Raul Silva mostrava igualmente os olhos marejados de pranto.

Áulus deu-nos a conhecer quanto ocorria.

“– Oliveira foi um abnegado trabalhador neste santuário do Evangelho – explicou. – Desencarnado há dias, e Castro, com aquiescência dos orientadores, foi apresentar-lhe as afetuosas saudações dos companheiros. Demora-se no refazimento, ainda inapto a comunicação mais íntima com os irmãos que ficaram. Mas poderá enviar a sua mensagem, por intermédio do companheiro que o visita.”

“– Abrace-me, sim, querido amigo! – prosseguia Castro, com inenarrável inflexão de ternura fraterna – Estou pronto!... Direi o que você deseja... Fale e repetirei”.

## 8. A MENSAGEM DE OLIVEIRA

E recompondo-se, na atitude de quem se devia fazer intermediário digno, modificou a expressão fisionômica, falando cadenciadamente para os circunstantes:

“– Meus amigos, que o Senhor lhes pague. Estou bem, mas na posição de convalescente, incapaz de caminhada mais difícil! Indiscutivelmente, não mereço as dádivas recebidas, pois me vejo no Grande Lar, amparado por afeições inolvidáveis e sublimes! As preces do nosso grupo alcançam-me cada noite, como projeção de flores e bênçãos! Como expressar-lhes gratidão se a palavra terrestre é sempre pobre para definir os grandes sentimentos de nossa vida? Que o Pai os recompense!...

Aqui, onde me encontro, vim reconhecer mais uma vez a minha desvalia e agora concluo que todos os nossos sacrifícios na causa do bem são bagatelas, comparadas à munificência da Divina Bondade... Meus amigos, a caridade é o grande caminho! Trabalhem!... Jesus nos abençoe!...”

## 9. A RETOMADA DO CORPO

A voz de Castro, apagou-se-lhe nos lábios e, daí a instantes vimo-lo regressar, amparado pelos irmãos que o haviam conduzido, retomando o corpo denso, com naturalidade.

Reajustando-se, qual se o vaso físico o absorvesse, de inopino, acordou na esfera carnal, na posse de todas as suas faculdades normais, esfregando os olhos, como quem desperta de grande sono. O desdobramento em serviço estava findo e com a tarefa terminada havíamos recolhido preciosa lição.